

“BARROS DE PORTALEGRE” – CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS E INTERVENÇÕES POSTERIORES À PRODUÇÃO UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO RESTAURO

Francesca Paba

*Mestre, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal
francescapaba@hotmail.com*

Sara Mariano

*Licenciada, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal
saracatarinamariano@gmail.com*

Maria José Maçãs

Licenciada, Casa Museu José Régio, Portalegre, Portugal

Cláudia Falcão

*Licenciada, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal
cfalcao@ipt.pt*

Ricardo Triães

*Mestre, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal
rtriaes@ipt.pt*

RESUMO

Os “barros de Portalegre” formam um conjunto de peças de arte sacra dispersas pela região de Portalegre. Estas peças encontravam-se em algumas igrejas e ermidas no Norte Alentejano e, na sua maioria, terão sido recolhidas pelo colecionador José Régio. Não há informação precisa acerca da produção dos “barros de Portalegre”, embora seja quase certa a origem nessa região, lugar de barristas que deixaram obras significativas. Estudos feitos no passado apenas tiveram em consideração as características estéticas e estilísticas das referidas peças, mas observações e intervenções recentes demonstraram que a caracterização feita anteriormente se baseava num aspecto que afinal não é original – quase todos os “barros de Portalegre” da coleção José Régio estão repintados.

PALAVRAS-CHAVE

Restauros Antigos | Terracota Policromada | Alentejo | Arte Sacra

ABSTRACT

The “barros de Portalegre” are a group of polychrome terracotta sculptures produced across the region of Portalegre. These sculptures were found in several small churches and in convents located in north Alentejo, and for the most part, were collected by José Régio. There is no information about the making of “barros de Portalegre”, however, it is almost certain that they originate from this region. Studies made in the past only took in consideration aesthetic and style-relevant characteristics from said works, though recent observations have demonstrated that the previous characterization was based upon an aspect that was revealed to non-original – almost all of “barros de Portalegre” from the collection of José Régio are over painted.

KEYWORDS

Antique Restorations | Polychrome Terracotta | Alentejo | Sacred Art

JOSÉ RÉGIO E A CASA MUSEU JOSÉ RÉGIO EM PORTALEGRE

O gosto pelas antiguidades e pelo colecionismo nasceram em José Régio muito cedo, como revelado pelo próprio numa entrevista ao Primeiro de Janeiro, em 1962 (RÉGIO 1965). Esse gosto terá surgido da influência exercida pelo seu avô, António Maria Pereira, conhecido pela profissão que exercia como “Antoninho ourives”, que executava algumas peças e gostava de colecionar antiguidades. «A coisa estava-me na massa do sangue [...]», justificava-se na época o escritor na mesma entrevista.

Ainda nos tempos de estudante, em Coimbra, apesar da situação económica não lhe permitir fazer grandes aquisições, terá comprado os primeiros objetos, conseguindo adquirir três ou quatro peças (VENTURA 2001: 11-29). A conclusão da licenciatura e o início da carreira docente em Portalegre garantiram-lhe novas possibilidades económicas, se bem que nunca muito amplas, como manifestado na correspondência para seus pais, onde foca sempre o tema dos problemas financeiros. Foi definitivamente em Portalegre que ampliou e desenvolveu o gosto pelo colecionismo. Na cidade e em toda a região do Alentejo, encontrou um campo fértil para as suas aquisições, como ele próprio relatou: «Portalegre deve ter sido uma cidade rica noutros tempos. Estava cheia de boas peças antigas, que sem grande dificuldade eram vendidas por preços até acessíveis à bolsa dum professor» (VENTURA 2001: 11-29). José Régio foi estabelecendo contactos com alguns comerciantes de antiguidades da região e mesmo de Lisboa, que regularmente iam ao Alentejo em busca de boas oportunidades. Aquilo que principiou por ser um passatempo transformou-se numa atividade regular, que sempre acompanhou o percurso de criação literária do escritor. Infelizmente, Régio deixou escassos textos sobre esta sua atividade e as indicações sobre as peças são muito vagas. Não se sabe exatamente onde foram compradas, por quanto e quem lhe vendia as peças (VENTURA 2001: 11-29). Ao longo do tempo o colecionador manifestou o seu interesse pela arte popular, aprofundou os seus conhecimentos e especializou-se neste tema.

José Régio habitava, desde que fora para Portalegre como professor do Liceu de Portalegre (1929-1962), no anexo da Pensão 21, na rua da Boa Vista. Com o passar do tempo foi alugando e ocupando os diversos espaços que iam vagando, de modo a conquistar lugar para as suas peças. Assim, a sua coleção foi povoando a casa da Boa Vista que se foi convertendo num verdadeiro museu privado, continuando a ser ao mesmo tempo a residência do poeta e só podendo ser visitado quando e se ele quisesse (VENTURA 2001: 11-29).

Por várias vezes José Régio manifestou a intenção de que a sua coleção de Portalegre ficasse na região, uma vez que, na sua grande maioria, as peças haviam sido ali adquiridas. Tinham uma coerência temática e partilhavam uma mesma origem, tal como as coleções que ficaram na casa de Vila do Conde. Em 1964, após demoradas negociações e face à possibilidade do acervo ser levado para Vila do Conde, cidade natal do colecionador, a Câmara Municipal de Portalegre retomou o diálogo com o escritor. No essencial, José Régio punha como condição que a Câmara Municipal adquirisse a totalidade do edifício de que ele era parcialmente inquilino, e que ali realizasse obras sob sua orientação para que a coleção pudesse ser instalada com dignidade. A propriedade do recheio passava a ser da Câmara, o uso-fruto seria do poeta até à sua morte ou renúncia do mesmo, apenas nela entrando quem ele permitisse. Durante a realização das obras previstas e necessárias, José Régio manifestou o desejo que o aspeto primitivo da casa fosse, tanto quanto possível, conservado e defendido. A arte sacra popular ocupou um lugar de relevo, como o atesta a impressionante coleção de imagens de Cristo Crucificado e de outras imagens, com destaque para os chamados Barros de Portalegre, aos quais o colecionador pensou dedicar um estudo mais aprofundado (VENTURA 2001: 11-29). A inauguração da Casa-Museu José Régio em Portalegre decorreu já posteriormente à morte do escritor, no dia 23 de Maio de 1971, por altura das comemorações do dia da cidade.

OS BARROS DE PORTALEGRE

Os “barros de Portalegre” ou “barros tipo da região de Portalegre” formam um conjunto de peças de arte sacra dispersas pela região de Portalegre [fig.1, fig.2, fig.3, fig.4, fig.5, fig.6, fig.7]. Desde Castelo de Vide ou Arronches, a Campo Maior ou mais para norte, estas peças encontravam-se em algumas igrejas e ermidas do Norte Alentejano, e na sua maioria terão sido recolhidas pelo colecionador José Régio.

A designação “barros de Portalegre” foi usada pela primeira vez pelo próprio José Régio e pelo seu irmão Júlio Maria dos Reis Pereira após a exposição de barros alentejanos que teve lugar em Évora em 1962, onde estiveram expostas 400 peças de barro, sob o tema “Barros do Alentejo” (PATRÃO 2001: 37-47). Na introdução do catálogo, assinada por Júlio Reis Pereira e José Régio, caracterizavam-se os “barros” de Portalegre e de Estremoz, que estiveram “lado a lado” na exposição, duas tipologias de imagens de barro bem determinadas, com características próprias, diferentes em técnica, colorido e iconografia (PATRÃO 2001: 37-47), (RÉGIO, PEREIRA: 2001: 197-198).

Ao escrever em 1965 o inventário do recheio da sua Casa, Régio identificou inúmeras peças de barro com esta denominação (PIRES 2001: 31-36), havendo inclusivamente duas salas do museu dedicadas a esta produção e designadas por “Sala dos barros de Portalegre”. No entanto, não há informações precisas sobre os barros de Portalegre: como estas obras terão aparecido, quem as terá criado, modelado e decorado. O fato de tais esculturas só aparecem em Portalegre ou nos arredores da cidade, fez com que o escritor acreditasse numa produção local, em pequenas oficinas ou nos vários conventos que existiam dentro da cidade (PATRÃO 2001: 37-47). O Alto Alentejo foi lugar de barristas que deixaram obras significativas., mas embora seja quase certo que os “barros de Portalegre” têm origem nessa região, desconhecem-se os lugares precisos do seu aparecimento – olarias populares, casas religiosas, artistas isolados. Nada se sabe sobre a exata proveniência dos barros, senão que parece indiscutivelmente alentejana, e com certeza não da cidade de Estremoz (PATRÃO 2001: 37-47), (RÉGIO, PEREIRA: 2001: 197-198).



Fig.1 · Cristo da Paciência, Casa Museu José Régio, Portalegre.



Fig.2 · Cristo da Paciência, Casa Museu José Régio, Portalegre.



Fig.3 · Cristo da Paciência, Museu Municipal de Portalegre, Portalegre.



Fig.4 - Cristo da Cana Verde, Casa Museu José Régio, Portalegre.

Fig.5 - São José, Casa Museu José Régio, Portalegre.

Fig.6 - São João, Casa Museu José Régio, Portalegre.

Fig.7 - São João, Casa Museu José Régio, Portalegre.

Os estudos feitos até agora, iniciados pelo próprio José Régio, só tiveram em consideração uma caracterização estética e estilística da coleção “barros de Portalegre”, não há estudos técnicos e materiais dessas produções regionais específicas. Nota-se uma recorrência no que diz respeito à iconografia – muitas representações da Virgem com Anjos, inúmeras Pietá, Cristos da Cana Verde, Cristos da Paciência, S. João Batista. Há semelhanças estéticas entre algumas esculturas do mencionado grupo de barros, nomeadamente no que diz respeito às características formais – a posição/postura, os gestos, os rostos, a forma da cabeça, o tratamento dos cabelos. Mas também em alguns casos, há diferenças evidentes, havendo peças de contornos mais eruditos [fig.7] e outras populares, de aspecto mais tosco, mas que poderão eventualmente ter sido feitas à imagem das primeiras. Tendo isto em consideração, observações mais recentes demonstraram que a caracterização feita anteriormente se baseava num aspeto que afinal não é original – com efeito, quase todos os “barros de Portalegre” da coleção José Régio estão repintados.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Recentemente foi dado início a um estudo técnico e material dos “Barros de Portalegre” da coleção José Régio, com o intuito de confirmar a origem

destas peças e definir globalmente as características identitárias desta produção. Este projeto resulta de uma colaboração entre o Instituto Politécnico de Tomar, a Câmara Municipal de Portalegre, através da Casa Museu José Régio, e a Universidade de Cagliari (Itália). Tem como principais objectivos realizar o estudo material de um conjunto representativo de esculturas, nomeadamente ao nível do suporte, de modo a perceber eventuais semelhanças composicionais entre estas. Também os materiais usados na decoração, desde a camada de preparação à camada cromática, de modo a conhecer os mecanismos subjacentes aos processos de degradação e alteração dos materiais. Além da análise dos materiais originais que as compõem, a caracterização das repolicromias e/ou repintes irá permitir esclarecer melhor as eventuais semelhanças e diferenças entre os grupos estilísticos considerados.

No que diz respeito à produção, os Barros de Portalegre parecem-nos cada vez mais um grupo heterogéneo, com algumas diferenças estilísticas, havendo peças mais eruditas, outras mais populares (apesar de parecerem seguir um mesmo modelo), mas com algumas características em comum, sobretudo no que diz respeito ao material de suporte e aos restauros antigos encontrados.

A análise de difracção de raios-x será a técnica usada para a identificação das principais fases cristalinas



Fig.8 · Cristo da Paciência (pormenor), Casa Museu José Régio, Portalegre.



Fig.9 · Anjo tocheiro (pormenor), Casa Museu José Régio, Portalegre.

do suporte cerâmico. Uma amostra da escultura do Cristo da Cana Verde [fig.4] já foi analisada e permitiu identificar uma presença significativa de quartzo e feldspato. Foram ainda identificadas algumas fases cristalinas correspondentes ao grupo dos filossilicatos, nomeadamente caulinite e minerais do grupo da illite/moscovite. A presença destas fases na amostra aponta para uma temperatura de cozedura relativamente baixa. O facto de se tratar de uma peça de vulto poderá reflectir diferenças quanto à transformação de fases consoante a zona de recolha da amostra. Os vestígios da presença de caulinite, que amorfiza a temperaturas da ordem dos 600 °C, estabelece o limite para a temperatura desta amostra (COROADO et. al. 2013: 105-118).

As matérias-primas argilosas usadas na modelação desta escultura em particular apontam para uma composição argilosa caulinitico-ilitica que sustentam o comportamento plástico e quartzo e feldspato que garantem a componente não plástica. Nas áreas desprovidas de policromia é possível ver alguns dos pormenores do processo de modelação. É perceptível a elevada plasticidade das pastas usadas, que em alguns casos é relativamente grosseira com elementos não plásticos abundantes e bem visíveis. Quase todas as imagens são modeladas por adição de pequenas partes de argila e ocas, em alguns casos com uma espessura reduzida. Numa das peças em estudo reconhece-se a elaboração de uma “estrutura” em forma de cone modelada a torno e sobre a qual foi depois concluída a modelação da figura. Esta elevada plasticidade da pasta argilosa também se reconhece nas fissuras associadas à secagem das peças. Em alguns casos

é perceptível que durante o processo de cozedura estas acabaram por fracturar sendo coladas antes da sua decoração, identificando-se policromia original sobre os excessos de adesivo. Para facilitar o processo de libertação de voláteis durante a cozedura das peças foram abertos alguns orifícios em áreas menos visíveis.

Quanto às camadas que compõem a superfície, praticamente todos os barros de Portalegre estão retocados. Os diferentes estratos de cor denunciam diferentes momentos de retoque. Quando a limpeza da superfície não era uma opção, a solução encontrada seria repintar, avivar as cores subvertidas pelo acumular de sujidades, que surgia como resposta a uma necessidade de restituir a dignidade a estas peças de cariz religioso, procurando não as descaracterizar. Verifica-se que, de uma maneira geral, as novas camadas mimetizam a original (ou a camada imediatamente subjacente), procuraram usar as mesmas cores – apesar de técnica e materialmente serem de qualidade claramente inferior, muitas vezes com resultados muito toscos e perda de detalhes a nível da volumetria [fig.8, fig.9].

DANOS E PATOLOGIAS

No percurso destas peças, para além das alterações já focadas, existe um conjunto de outros problemas que se registam de uma forma sucinta. Na maioria dos casos os principais problemas decorrem da perda da camada de policromia, seja através da pulverulência da camada da preparação seja através da perda de aderência ao suporte. O estalado associado a



Fig.10 · Pietá, pormenor da alteração do verniz, Casa Museu José Régio, Portalegre.



Fig.11 · São João, pormenor do estalado, Casa Museu José Régio, Portalegre.



Fig.12 · Anjo tocheiro, pormenor do destacamento de policromia e repinte sobre lacunas, Casa Museu José Régio, Portalegre.

estas camadas contribui significativamente para esse destacamento [fig. 11]. A alteração das cores e vernizes usados nas intervenções posteriores é outro dos danos comuns [fig.10]. Em alguns casos extremos a perda de policromia, por vezes com várias camadas identificadas, é total ou quase total, o que parece indicar, em algum momento do passado, anterior à aquisição por José Régio, condições de acondicionamento extremas. Num dos casos a policromia é inexistente

e a evidência de manchas de microorganismos sugere a sua exposição ao ar livre durante um longo período de tempo. As lacunas ao nível do suporte não são muito extensas e limitam-se a áreas dos dedos ou de outros elementos mais proeminentes das esculturas, como os panejamentos. Reconhecem-se algumas destas áreas apesar de cobertas com novas camadas de policromia, resultantes de intervenções posteriores à produção [fig. 12].

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

A coleção de “barros de Portalegre” em estudo e intervenção apresenta-se muito heterogénea quanto ao seu estado de conservação, embora as peças evidenciem algumas características identitárias comuns, nomeadamente o material de suporte. No que diz respeito à conservação e valorização da coleção foi definida à partida uma metodologia geral para a intervenção, através da seleção de um conjunto representativo de esculturas, que teve em conta diferentes estados de conservação. O objetivo principal seria, como referido, determinar as características identitárias dos barros de Portalegre, procurando recuperar tanto quanto possível as características originais das peças, mas, por outro lado, individualizando cada intervenção de modo a não alterar significativamente os aspectos que levaram José Régio a constituir este enorme acervo.

O conjunto atualmente em intervenção no laboratório de conservação e restauro do IPT é constituído por

sete esculturas que integram a exposição permanente e que após a sua intervenção regressarão ao espaço museológico. Na prática, através do estudo destas sete esculturas e pela observação de outras peças que integram a coleção de barros de Portalegre, tendo em conta a heterogeneidade do conjunto e as particularidades de cada peça, percebeu-se que não seria possível criar uma proposta de intervenção que se aplicasse de forma geral e taxativa ao conjunto. O processo de intervenção em curso exigiu assim uma reflexão sobre o objetivo original do projeto, que seria a procura de uma identidade relativa a esta produção escultórica. Apesar de a intervenção ser pensada como um todo, as propostas de tratamento definidas acabaram por ser distintas e individualizadas, sendo de momento apenas indicadores das intenções de intervenção. Deste modo as acções sobre as peças têm vindo a recair essencialmente na procura da estabilidade física, evitando a perda de policromia.



Fig.13 · Cristo da Cana Verde, pormenor do levantamento de repinte, Casa Museu José Régio, Portalegre.

A limpeza das sujidades superficiais é outra das acções essenciais para uma melhor definição da necessidade de continuação dos tratamentos. Numa das peças usadas como referência para estabelecer uma metodologia de estudo e intervenção, Cristo da Cana Verde [fig.4], efectuou-se já o levantamento

selectivo da camada de repinte (apenas na carnação e cendal) atendendo ao bom estado de conservação da policromia original e à forte alteração do repinte de qualidade inferior [fig.13]. Isto não significa, no entanto, que o mesmo procedimento se vá aplicar no tratamento de todas as outras esculturas.

CONCLUSÃO

Até ao momento os estudos levados a cabo para caracterizar a produção e definir a identidade dos “Barros de Portalegre” acabaram por fornecer também informação relevante acerca dos restauros, nomeadamente repintes e repolicromias, permitindo inclusivamente levantar mais questões, já que os retoques identificados em alguns casos parecem apresentar características semelhantes (eventualmente não serão aleatórios mas poderão ter origem numa ou mais oficinas locais). Quanto à intervenção, na prática, visa incidir sobre o conjunto sem que daí

resultem grandes contrastes. Pretende-se, por um lado, a recuperação daquelas que poderão ser as características identitárias/originais deste tipo de barros e, por outro lado, ter em conta aquilo que terá encantado José Régio e não descaracterizar o conjunto. Para o efeito é importante que a proposta de intervenção de conservação e restauro se baseie essencial e resumidamente no respeito pela intervenção mínima, nomeadamente fazendo levantamentos selectivos de repintes e/ou repolicromias, e se adequar às necessidades de cada uma das esculturas, sem no

entanto esquecer que elas fazem parte de um grupo e que se encontram num espaço e contexto comuns (MUÑOZ VIÑAS 2003). Os estudos de composição do suporte e a caracterização da policromia serão ainda determinantes para potenciar o conhecimento, ainda ténue, deste grupo de esculturas com características muito peculiares. Como um acréscimo ao propósito original, surgiu ainda a possibilidade de

contribuir para um melhor entendimento do que terá sido o restauro em Portugal no passado, visto que o conjunto estudado denota bastante coerência no que diz respeito às alterações posteriores à produção, evidenciando aquelas que teriam sido no passado as tendências locais/regionais na recuperação deste tipo de objetos, de cariz religioso e popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RÉGIO, José – “A minha Casa de Portalegre”. Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*. Porto: Ano Bom, 1965.

VENTURA, António – “A Casa Velha, Tosca e Bela. José Régio e a Arte Popular”. Câmara Municipal de Portalegre, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001, p. 11-29.

PATRÃO, J. D. H. – “Barros de Portalegre. Do deslumbramento ao esquecimento”. *José Régio e a Arte Popular*. Câmara Municipal de Portalegre, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001, pp. 37-47.

RÉGIO, J. e PEREIRA, J. R. – “Barristas do Alentejo (Catálogo Barrista do Alentejo, 1962)”. *José Régio e a Arte Popular*. Câmara Municipal de Portalegre, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001, p. 197-198.

PIRES, Maria José – “Casa-Museu José Régio”. *José Régio e a Arte Popular*. Câmara Municipal de Portalegre, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001, p. 31-36.

COROADO, João, TRIÃES, Ricardo, GIL, Cecília, FERRAZ, Eduardo e ROCHA, Fernando – *Estudos para a Conservação das Esculturas Monumentais em Terracota do Mosteiro de Alcobaça: Projecto Taceo*, Mosteiros Cistercienses. História, Arte, Espiritualidade e Património (José Albuquerque Carreiras, ed.). Alcobaça: Jorlis/Associação Portuguesa de Cister, 2013, p. 105-118.

MUÑOZ VIÑAS, S. – *Teoría contemporánea de la restauración*. Madrid: Síntesis, Madrid, 2003.